

A VIRAGEM MORFODINÂMICA E A NATURALIZAÇÃO DAS CIÊNCIAS HUMANAS. O CASO DA SEMIÓTICA NARRATIVA

Le psychique en soi, quelle que soit sa nature, est inconscient, probablement de la même manière que tous les autres processus dans la nature dont nous avons acquis la connaissance
Sigmund Freud

0. Introdução

Uma das questões sobre a qual algum pensamento pós-estruturalista se tem debruçado é a da objectividade das e nas ciências sociais e humanas, esse conjunto de áreas do conhecimento que lida com a linguagem e o sentido. A ideia de base é que o período estruturalista (1950-1970) foi o momento privilegiado em que estas ciências mais se aproximaram da objectividade científica, sem, no entanto, terem conseguido alcançá-la. Trata-se então de compreender as razões do desencontro entre as ciências do simbólico e a objectividade científica e, se possível, elaborar alternativas à actual situação epistémica cuja clivagem não pode deixar de afectar a produção do saber na nossa época¹.

A corrente actualmente dominante no meio universitário das ciências sociais e humanas, pese embora às designações *científicas* das diferentes faculdades, escolas, institutos, centros de investigação – fundados ou refundados precisamente durante o período de 1950-1970 –, é a que descrê da e desacredita a ciência como formação impeditiva da liberdade de pensamento, e envereda por uma deriva, supostamente democrática, de multiplicação de paradigmas e de modelos, cujo único resultado consistente é a criação de condições favoráveis à enfeudação da investigação científica a interesses económicos, corporativos e políticos e à instauração do Mercado como instância última a decidir do estatuto e do destino dos saberes disciplinares. Esta corrente devia merecer por parte dos universitários e investigadores um exame aprofundado. Não será de facto altamente discutível que as exigências metodológicas, teóricas e experimentais da ciência sejam incompatíveis com a liberdade de pensamento? E que a ciência seja uma actividade possuindo uma história e práticas socio-discursivas será argumento suficiente para deslegitimar os seus conteúdos e resultados objectivos?

Desenvolvido ao longo dos últimos vinte anos, o trabalho disciplinarmente transversal (matemáticas, física, biologia, filosofia, epistemologia, linguística e semiótica) de Jean Petitot encontra-se exposto em duas obras fundamentais: *Morphogenèse du Sens* (1985) e *Physique du Sens* (1992), cujos títulos colocam desde logo o sentido como objecto privilegiado de uma reflexão situada no campo nas ciências matematizadas. Estas obras apresentam uma razão para o desencontro das ciências do simbólico e da objectividade científica e uma saída para o actual impasse epistemológico. A tese de Petitot é que, se desencontro houve, foi porque faltava ao estruturalismo uma geometria de posição, uma topologia, que a morfodinâmica está hoje em condições de lhe fornecer. Assim, o estruturalismo não é uma moda que passou

¹ A este respeito, a questão Sokal-Bricmont pode ser tida como um sintoma do mal-estar epistemológico contemporâneo. Apesar do que julgo serem alguns malentendidos, nomeadamente o de uma continuidade entre estruturalismo e *Cultural Studies*, a posição dos dois professores de física contra o *relativismo cognitivo* teve o mérito de relançar a discussão em torno do estatuto epistemológico das ciências sociais e humanas.

mas, graças à morfodinâmica, está a descobrir-se como racionalismo estrutural, matematicamente fundado e prolongando o racionalismo físico numa ordem racional do sentido coextensiva à ordem natural (Petitot1985:21-2). O estruturalismo morfodinâmico aponta já para o monismo científico como alternativa à actual configuração do campo do saber, marcada pelo dualismo ciências duras-ciências moles e por especulações acerca da *terceira via* (Petitot1998:90,97). Petitot afirma com força a unidade da ciência e proclama a naturalização e a matematização das ciências sociais e humanas, por forma a fazê-las sair do estágio metafísico especulativo. Este projecto, que ele regista como uma nova *Aufklärung*, implica a constituição transcendental de uma objectividade alternativa para as ciências sociais e humanas e o alargamento do conceito clássico de *naturalidade* de modo a integrar os fenómenos de estrutura como fenómenos naturais ² e a tornar possível a objectivação do sentido.

Pour nous, le “post-structuralisme” ne saurait donc signifier quelque régression littéraire de la pensée dans une sophistique et une dialectique anti-théoriques mais bien au contraire le relai du structuralisme par les sciences naturelles élargies (Petitot1992:XIX).

Tratarei então, num primeiro ponto, do que está em jogo no corte epistemológico que o *morphological turn* representa; e num segundo ponto, da revisão ou refundação morfodinâmica do estruturalismo semionarrativo. Pretendendo apenas introduzir e divulgar os aspectos da obra de Jean Petitot que mais directamente dizem respeito aos Estudos Literários, este artigo, sujeito aos constrangimentos do género, fica muito aquém de toda a complexidade, extensão e alcance científico e filosófico da obra de Petitot.

I

A MORFODINÂMICA COMO NOVO PARADIGMA CIENTÍFICO

Ao assumir a forma como cientificamente objectivável (a física das formas), a morfodinâmica sustenta uma nova concepção da relação entre forma e matéria, situada além do conflito entre ciência moderna e neo-aristotelismo. Esta nova concepção, recolocando a questão da conexão entre linguagem e realidade, permite a Jean Petitot, numa crítica radical do empirismo indutivista e do *linguistic turn*, afirmar o realismo do sentido e a possibilidade de naturalização das estruturas.

² Esta integração não é nenhuma torção ou forçagem. Num texto mais recente dedicado à epistemologia do estruturalismo, Petitot desenvolve a tese de que, longe de se inscrever numa linha formalista, logicista e linguística, o estruturalismo tem uma genealogia naturalista onde cabem nomes como Lévi-Strauss ou Jakobson (cf. Dosse1991:319-20 e Rocha1989:291-2). O malentendido resulta do facto de que, contrariamente às formas naturais nas quais o substracto material é dado, no caso das estruturas cognitivas, semióticas e simbólicas, a matéria não é dada no fenómeno e, por isso, a objectivação da forma faz-se segundo o modo formalista (Petitot1999).

1. Um novo primado da forma

1.1. o recalcado da ciência moderna

A morfodinâmica é o resultado de desenvolvimentos da morfogénese e da teoria das catástrofes que René Thom começa a elaborar a partir dos anos 60. A morfogénese é uma teoria naturalista dos processos de produção das formas naturais que permite começar a compreender o processo de organização da matéria e a sua estruturação qualitativa em formas; a teoria das catástrofes procede a uma modelização matemática compatível com as teorias físicas dos substratos materiais donde emergem as formas. A morfodinâmica visa compreender físico-matematicamente a génese e a dinâmica (estabilidade, transformação, sucessão) das formas, refundando as abordagens perceptivas, cognitivas, semânticas, fenomenológicas e semiolinguísticas do conceito de forma.

A preeminência da noção de **forma** na obra de René Thom sublinha a novidade que a morfogénese representa em relação ao paradigma científico moderno introduzido pela física matemática no século XVII. A concepção do mundo como um espaço uniforme e geométrico de pura extensão e movimento, desprovido de fenómenos e isento de qualidades sensíveis, pôs fim à ontologia qualitativa do cosmos aristotélico-cristão. Diz Petitot que o desenvolvimento físico-matemático de uma mecânica das forças fez esquecer durante mais de trezentos anos uma dinâmica das formas. O resultado foi que o conceito de forma foi pensado de maneira alternativa e arrumado do lado do subjectivo como construção psicológica, aparência. E assim se instalou a falsa evidência de um conflito irreduzível entre uma fenomenologia das formas e uma física da matéria. A forma constitui-se pois como o recalcado da ciência moderna: ela é aquilo que é impossível objectivar. E é Kant que vem tematizar e legitimar esta objectivação impossível da forma. Na Segunda parte da *Crítica da Faculdade de Julgar*, Kant considera que a forma e a contingência da forma dos seres organizados é um enigma para a ciência, pois a produção de formas pela natureza não é mecanicamente explicável. A ideia de uma dinâmica da interioridade substancial da matéria é de ordem numenal, logo insusceptível de conhecimento objectivo. Cientificamente impossível, a forma só tem lugar no campo estético: ela é necessária à nossa faculdade de julgar e a falta de objectividade das formas naturais é solidária do sentimento estético que é um suplemento de subjectividade (o valor significante). Precisamente porque não são mecanicamente explicáveis, as formas naturais são significativas e subjectivas, de tal maneira que uma falta física é preenchida por um suplemento semiótico (sujeito simboliza com a natureza). O morfológico não pode ser julgado de modo determinante mas apenas reflexivo (§75), i.e., regulador, subjectivo e analógico (o julgamento estético é destituído de conceito). De facto, a designação de *estética transcendental* cobre a relação, ou talvez melhor a não-relação entre a constituição da objectividade e a ordem morfológica (a estrutura morfológica qualitativa do aparecer fenomenológico). É esta não-relação que será extremada pelo romantismo de Iena e por aquilo que Jean-Luc e Ph. Lacoue-Labarthe chamam *l'absolu littéraire*.

1.2. a forma emerge da matéria

Como ficou registado acima, a morfogénese, teoria naturalista e dinâmica, assume que **a forma emerge da matéria**, da sua interioridade substancial que assim se fenomenaliza. Ainda que procedendo a uma reabilitação da ontologia qualitativa e substancial de Aristóteles, Thom recusa o seu postulado de que a forma se realiza ou encarna na matéria, sendo-lhe ontologicamente estranha. Petitot nota que a ideia da emergência da forma, enraizando forma e matéria num mesmo solo ontológico, modifica profundamente a epistemologia das disciplinas estruturais, as quais, orientadas pelo dualismo forma-matéria, postulam que as estruturas emanam de uma forma puramente relacional que se implanta numa matéria amorfa. Pelo contrário, a morfogénese, assumindo que a forma é o fenómeno de (auto)organização dinâmica da matéria, rompe com o primado ontológico da forma sobre a matéria e torna possível uma ciência naturalista das estruturas.

Esta mesma ruptura pressupõe, ao invés do que afirmavam as disciplinas estruturais, a prioridade do contínuo sobre o discreto: que a forma emerge da matéria equivale a dizer que o descontínuo emerge do contínuo, pois a forma é perceptivamente apreendida como descontinuidade e fenomenologicamente descrita como sistema de descontinuidades qualitativas – em contraste com a homogeneidade da matéria da física mecanicista que se desenvolveria em termos puramente quantitativos (Koyré1973:324). A teoria das catástrofes considera que uma descontinuidade é um fenómeno crítico induzido por uma singularidade do sistema dinâmico subjacente. O exemplo paradigmático de fenómeno crítico é aquilo que a termodinâmica designa como transição de fase, i.e., a transformação brusca de estado interno de um sistema.

A teoria das catástrofes é uma teoria matemática que visa compreender matematicamente a génese física da forma: como é que a forma emerge da matéria; e aqui situa-se um segundo ponto de divergência de Thom com Aristóteles: é que não há antinomia entre matemática e qualidade, a matemática podendo explicar a qualidade. Esta posição tem consequências epistemológicas relevantes, já que a ciência moderna assumiu esta mesma antinomia, invertendo apenas os valores dos seus termos. Além disso, Thom reabre a questão ontológica, colocando o problema da relação entre matemática e realidade, entre matemática e ser (Thom1991:173). Precisemos que a teoria das catástrofes é uma linguagem formal não lógica mas geométrico-topológica, uma linguagem cuja semântica se encontra geometrizada (Petitot1985:84).

2. A constituição transcendental das objectividades

2.1. matemática e ontologia

A implicação da matemática na realidade constitui o primado do teórico sobre o empírico e é inseparável da exigência de inteligibilidade e de constituição transcendental da objectividade. Fortemente inspirada na filosofia de Kant, a perspectiva de Petitot é racionalista e reconhece valor ontológico ao *sintético a priori*: são os conceitos *a priori*, as categorias e os princípios que comandam a explicação teórica dos dados empíricos. Há que distinguir entre o real e o empírico, o objecto e o fenómeno (apercepção e percepção), a explicação teórica e a descrição experimental. A pergunta a fazer não é : *em que condições um enunciado tem valor cognitivo ?* mas antes, à maneira de Kant: *em que condições um conceito tem valor objectivo ?* (Petitot1992:21). Por outras palavras, pouco importa a forma discursiva do conhecimento; o que importa é o conteúdo objectivo do conhecimento – no estabelecimento do qual as matemáticas têm uma função criativa determinante.

Criticando o empirismo lógico e as correntes saídas do *linguistic turn* da epistemologia, Petitot escreve:

(...) l'insuffisance irrémédiable du logicisme est de supposer résolu ce qu'il faut expliquer à savoir le "miracle" que des mathématiques aussi profondes puisse expliquer le réel physique. Le logicisme repose sur un "réalisme naïf" car "le problème fondamental de l'épistémologie physique" n'est pas celui de l'expression de l'expérience physique par des énoncés (le rapport mathématique-monde *n'est pas* analogue au rapport syntaxe-sémantique que l'on trouve en théorie logique des modèles) mais celui de la possibilité de traduire l'expérience physique par un organon mathématique (1992:21; grifos e sublinhados do autor).

O papel das matemáticas na explicação teórica e na constituição da objectividade é crucial. A explicação teórica consiste em : prolongar o real fenomenal pelo imaginário teórico (subsumir a diversidade empírica na unidade aperceptiva do conceito); controlar matematicamente este prolongamento (substituir o semantismo das categorias por uma construção matemática explícita e específica); e redescer, pela generatividade interna própria às matemáticas, da ontologia imaginária à realidade fenomenal (de modo a ser possível comparar a diversidade construída do modelo à diversidade empírica dada) – operação esta que Kant nunca chegou a conceber³. Pelas matemáticas, o *a priori* e o conceito convertem-se numa realidade objectiva construída superior à realidade dada que é a manifestação fenomenal. Isto mostra que as entidades matemáticas são introduzidas por verdadeiras definições criativas que não se confundem com a descrição de um dado empírico; e que a objectividade – que é a constituição do fenómeno como objecto matematizável - não é um dado mas é uma conquista, uma tarefa que exige trabalho e esforço, uma obra da inteligência e da cultura. Porém, Petitot recusa uma concepção do *a priori* a-histórico e desgarrado das matemáticas, bem como a distância absoluta que separa o empírico e o contingente da estrutura imutável e fechada do *a priori* da experiência possível, tal como Kant as formulou (disjunção entre física empírica e física pura). Para Petitot, essa estrutura é histórica, aberta, regional e material (não formal) e depende do desenvolvimento das matemáticas (idem:42-4).

2.1.1. a esquematização dos conceitos

A constituição da objectividade passa pela esquematização. A esquematização é, segundo Kant, a construção de um conceito numa forma da intuição, i.e., a geometrização do seu semantismo. Isto significa que o semantismo do conceito, ou de qualquer categoria formal apriorística, é substituído por uma construção matemática explícita que constrange fortemente a construção dos conceitos derivados. A esquematização matemática torna as linguagens de representação ontologicamente determinantes, constituindo, assim, uma ontologia regional. Petitot insiste em que isto é radicalmente diferente da tradução simbólica lógico-formal das categorias apriorísticas que apenas produzem uma metalinguagem mas não uma teoria científica (explicação teórica). A este respeito vale a pena comparar a opção de Petitot com a de Jean-Claude Gardin cuja posição anti-filosófica, anti-teórica e dualista o leva a identificar o científico com o logicamente formalizável, materializado numa metalinguagem garantindo um certo controlo sobre o mundo empírico e representando, para ele, a única solução viável à proliferação de modelos na área das ciências sociais e humanas. Nesta

³ As duas primeiras operações constituem a esquematização, a terceira define a modelização: (...) *sa fonction est de transformer les concepts théoriques en algorithmes de reconstruction des phénomènes que ceux-ci subsument (...) la modélisation a pour fonction d'inverser les procédures d'abstraction et de subsumption conceptuelles qui conduisent de la diversité des phénomènes à des concepts, à des catégories et à des principes unificateurs* (Petitot1998:76).

perspectiva, a objectividade, definindo-se como resistência das hipóteses ou conclusões à prova dos factos, não é senão validade empírica desligada de toda e qualquer ontologia (Gardin1991)⁴. Pelo contrário, uma teoria científica é solidária de uma noção de objectividade completamente diferente, pois ela implica que a modelização dos fenómenos, que tem apenas valor empírico e não constitutivo, *seja precedida* da constituição dos processos de determinação objectiva fundando aquilo a que Husserl chamava uma ontologia regional⁵. É justamente nisto que consiste a esquematização, operação dramaticamente ausente no logicismo (Petitot1985:26). É com ela que se coloca a questão do alcance ontológico das matemáticas e, em particular e no caso que nos interessa, da teoria das catástrofes na esquematização das categorias da ontologia estrutural, logo na constituição da sua objectividade. Note-se que a objectividade estrutural é uma objectividade alternativa, i.e., não física (mas de tipo físico) em que se repete, através de um novo esquematismo, a constituição da objectividade noutras regiões do ser. Aqui se cava a distância de Petitot em relação a Kant: trata-se para Petitot de pluralisar a invariante esquemática kantiana (que apenas se aplica à objectividade física), o que implica retomar, com o projecto de constituição transcendental das objectividades, o projecto fenomenológico de constituição das ontologias regionais (1985:283sq).

Não será esta pluralidade que, a bem dizer, caracteriza a condição pós-moderna de uma ciência que, não se reconhecendo já na constituição absoluta da objectividade em que assentou a ciência moderna (galilaico-newtoniana), nem por isso renuncia à exigência de racionalidade e de objectividade, pois que uma tal demissão equivale a considerar a ciência, no movimento mesmo da sua rejeição, como absoluto ou via para para o absoluto.

2.2. a aporia do objectivismo e a clivagem das ciências

Trata-se então com a morfodinâmica de refundar o próprio conceito de objectividade para lá do corte epistemológico da ciência moderna. Petitot explica em *Physique du sens* que a morfodinâmica está em condições de desfazer um dos preconceitos mais tenazes da ciência galilaico-newtoniana: o de que é preciso arrancar a objectividade ideal e exacta da ciência aos dados originários, qualitativos e inexactos do mundo, pois que o mundo dado aos sentidos não é o mundo real. Daí a expressão, que Koyré gostava de empregar, segundo a qual a ciência moderna explica o real pelo impossível (Koyré1973). Este preconceito conduz à aporia do objectivismo: não se pode, por um lado, liquidar o aparecer para fundar a objectividade física e, por outro, postular que esta objectividade explica causalmente o aparecer. Segundo Petitot, trata-se de um emprego metafísico, não crítico, da categoria de causa que supõe implicitamente que a objectividade física matematicamente determinada é uma objectividade-em-si, numenal. Foi Husserl que denunciou esta aporia: o ganho teórico da determinação objectiva exige o recalçamento das formas anexactas proto-geométricos do fluxo heraclitiano e das qualidades sensíveis pelas quais os fenómenos se manifestam

⁴ Pode dizer-se que Gardin e Petitot participam de dois paradigmas diferentes das ciências cognitivas: o simbólico-computacional, relevando mais da álgebra e da lógica formal, e o conexionista-dinâmico, relevando mais da geometria. Reconhecendo tudo o que a morfodinâmica e as ciências cognitivas têm em comum, Petitot aponta uma diferença essencial: ao contrário do cognitivismo clássico que desenvolve uma concepção ineísta do *a priori*, a morfodinâmica sustenta uma concepção transcendental (anti-ineísta) do *a priori* (Petitot1992:66-7; 1998:87).

⁵ Na medida em que a objectividade estrutural em jogo é uma objectividade alternativa, o trabalho de Petitot recorre ao projecto fenomenológico de constituição das ontologias regionais, recusando porém as facilidades das intuições originárias de Husserl que o fariam renunciar ao esquematismo kantiano.

concretamente – numa palavra, o *Lebenswelt*. Por isso, pensava Husserl, e Petitot com ele, a ciência plana como num espaço vazio sobre o mundo da vida pretendendo ser apodicticamente válida para esse mundo. Ora, o mundo intuitivamente pré-dado, imediatamente percebido e linguisticamente descrito constitui um pressuposto absoluto de toda a prática científica. A coisa física, diz Husserl, não é estranha ao que aparece corporalmente aos sentidos, mas anuncia-se neste mesmo aparecer (Petitot1992:24-5). Numa linha de pensamento muito próxima desta, Merleau-Ponty dirá que a ciência supõe a *fé perceptiva* mas não a esclarece e pressupõe o mundo mas não o toma por tema: (...) *la science a commencé par exclure tous les prédicats qui viennent aux choses de notre rencontre avec elles* (1964:31sq).

Se, para Petitot, há que distinguir rigorosamente entre dado empírico e objecto teórico (matematizado), isso não quer dizer, como vimos antes, que a distância entre eles seja intransponível. E o que a morfodinâmica está em condições de fazer é precisamente realizar essa mediação. O modelo morfodinâmico fornece pela primeira vez um vínculo entre a objectividade física matematicamente determinada e o aparecer fenomenológico linguisticamente descrito. O *morphological turn* deve o seu nome ao facto de o morfológico ser o terceiro termo que faz a síntese entre tradição galilaica e tradição neo-aristotélica, o que abre a via para a solução da questão fenomenológica.

A questão fenomenológica é a designação do estado actual da ciência clivada entre ciências duras e ciências moles: de um lado, as ciências experimentais frequentemente formalizadas e cujo edifício teórico culmina em teorias matemáticas; do outro, as análises logico-formais das linguagens que descrevem o mundo fenomenológico e sua estruturação qualitativa. Esta clivagem remonta à divisão do mundo operada pela ciência moderna, entre mundo real, o da objectividade física, e mundo dado aos sentidos, o da forma qualitativa do aparecer. Ela conduz a duas posições antagónicas: a da ontologização da objectividade física com redução do aparecer a uma aparência subjectivo-relativa (é o caso, entre outros, de Einstein); a da ontologização do aparecer com destituição do categorial e do sintético *a priori* cujo valor ontológico é substituído por um estatuto puramente gramatical (é o caso entre outros de Carnap). Este é o *linguistic turn* – que bem poderia ser chamado *logic turn* (Ouellet1987).

2.3. o realismo do sentido

De acordo com Petitot, o *linguistic turn* aprofunda a cisão entre mundo real e mundo dado aos sentidos, introduzida pela física matemática, na medida em que assume que a forma do mundo é puramente linguística e sem base ontológica e que as duas problemáticas que são a física e a lógica não se encontram. De um lado, o *a priori* matemático (objecto), do outro o *a priori* linguístico (fenómeno). Assim, para Wittgenstein, a semântica formal vale por uma ontologia reduzida ao convencionalismo linguístico, à gramática. E para Carnap, a ciência é uma construção linguística convencional constitutivamente associada à experiência. A crítica a que Petitot submete o empirismo lógico e o método indutivista, acima brevemente exposta, além de justificar a opção racionalista e transcendental, indica a posição filosófica e metafísica do autor, aliás implícita já na defesa do alcance ontológico da matemática: o realismo. Na linha de Koyré, Petitot pensa que o nominalismo, solo filosófico do empirismo, é cientificamente estéril precisamente porque lhe falta a capacidade universalizante da teoria, o seu poder de subsunção. A pergunta que faz um nominalista-empirista não é *como caem as pedras*, mas *como cai esta pedra neste momento e neste lugar* (Shapin1999:102). O concreto prima sobre o abstracto e o facto prima sobre a teoria

meramente concebida como um meio formal de ordenar os factos, e que nada explica da estrutura de um real em que não crê (cepticismo)⁶. Com efeito, do ponto de vista nominalista, só as proposições são articuladas, nunca a substância que é unicamente semântica e estranha à matéria. A individuação dos fenómenos e a organização dos estados de coisas⁷ são nominais e mentais, i.e., provêm do modo como a linguagem recorta as formas na realidade (a forma do mundo é linguística). Aqui reencontramos explicitamente a velha questão da relação entre linguagem e mundo que é a que, desde Platão, está no cerne do debate entre realistas e nominalistas.

Est-ce la langue qui donne à l' être sa place, créant, dans le monde, ces discontinuités que nous appelons états de choses (...), ces stases auxquelles, pensant et parlant, nous nous référons; ou est-ce que ce sont plutôt ces états de choses qui, parfaitement constitués dans l' étant comme phénomènes, se prêtent eux-mêmes au discours, à quoi ils donnent leur place dans la pensée et le langage ? (P. Ouellet citado in Petitot1985:41)

Mas esta questão crucial, por velha que seja, surge agora no novo quadro marcado pela conquista científica de mais um nível do ser, o morfológico. Ora, se o morfológico é terceiro termo é por ser um solo comum à linguagem e ao mundo, assegurando a comunidade de estruturas dos dois níveis de realidade: o mundano e o linguístico. A estruturação qualitativa do mundo em fenómenos e estados de coisas perceptíveis e linguisticamente descritíveis, emerge da matéria, ou seja, da objectividade física. Deste modo, linguagem e mundo não são o reflexo ou a representação um do outro, mas a expressão diferenciada de uma mesma organização profunda, o que permite precisamente dizer que, para lá do dualismo semiótica-física, tanto um como outro são naturais. Daí o projecto científico de uma física do sentido.

Que a forma do mundo seja a forma de uma linguagem implica que a morfodinâmica se ocupe de dois níveis de emergência das formas: o nível morfológico propriamente dito, em que se processa o reconhecimento das formas, e que precede e é condição de possibilidade do nível da linguagem. Esta tem, pois, com o mundo, uma relação genética, na medida em que as estruturas semiolinguísticas são a herança ou a reprodução (no sentido biológico) das estruturas do mundo, e não a sua imagem ou representação. Deste modo, que a forma do mundo seja uma forma linguística não é a referir à subjectividade humana mas à objectividade do real, o que permite fundar o sentido, como forma coextensiva à ordem natural, na objectividade morfológica. É, pois, a **forma do sentido** que é susceptível de ser elevada à dignidade de objecto matematizável. Objectivar o sentido não é liquidá-lo (como acontece na lógica formal) nem é tentar aceder ao seu fundo numenal, mas geometrizar-lo (espacializá-lo evacuando a sua subjectividade).

II

A REFUNDAÇÃO MORFODINÂMICA DO ESTRUTURALISMO SEMIONARRATIVO

⁶ Isto não significa que o realismo tenha a pretensão de dizer a verdade última sobre os fenómenos; ele pretende apenas que a teorização dos fenómenos seja conforme às próprias coisas, i.e., que os modelos sejam compatíveis ao sistema categorial que subsume a diversidade fenomenal (1992:55-6).

⁷ Para teoria dos estados de coisas ou *Sachverhalte*, cf. Petitot1985:39-42 e 1992:26-31.

Em *Morphogenèse du sens*, Jean Petitot apresenta uma panorâmica da teoria de Greimas que lhe permite fazer o levantamento, no terreno da semiótica narrativa, de certos problemas e aporias, decorrentes de um excessivo apego de Greimas à lógica formal, e estabelecer a necessidade de um esquematismo morfodinâmico para os resolver (o que será concretizado em *Physique du Sens*). São as linhas gerais dessa apresentação que a seguir tento sucintamente articular.

1. O *a priori* topológico do estruturalismo

Tomando como referência o texto de Gilles Deleuze *À quoi reconnaît-on le structuralisme?* – do qual salienta que *l'ambition scientifique du structuralisme n'est pas quantitative mais topologique et relationnelle* (Deleuze 1979:299), e pondo a tónica no topológico em detrimento do relacional, Petitot afirma que o que faltou ao estruturalismo foi uma geometria de posição, uma topologia que tornasse possível a matematização dos conceitos de estrutura e de valor posicional (esquematização). A noção de valor posicional é o *a priori* do estruturalismo, uma vez que o seu princípio fundamental é o de que os elementos de uma estrutura, puros traços diferenciais, têm apenas um sentido ou valor de **posição**. Toda a estrutura, diz Petitot, é antes de mais um sistema estruturalmente estável e (auto)regulado de conexões (e não propriamente de combinações) entre valores posicionais, e só existe como tal. Este *a priori* deve comandar toda a vontade de teorização autêntica nesta matéria (Petitot 1985:62), o que implica ter presente que as categorias estruturais – posição, junção, conexão - reenviam a uma intuição topológica. Ora, é precisamente a morfodinâmica que dispõe de uma topologia servindo de base dinâmica ao estruturalismo que se transforma, por esta via, em estruturalismo morfodinâmico. A topologia morfodinâmica é a chave para a constituição da objectividade estrutural, uma vez que, permitindo a matematização dos conceitos estruturais, os esquematiza. Será possível deste modo evitar a deriva do estruturalismo tanto para um vitalismo especulativo como para um formalismo vazio de conteúdo (idem:72).

No que toca ao estruturalismo semionarrativo, trata-se de esquematizar o quadrado semiótico a partir das catástrofes elementares. Esta esquematização demonstra, no plano específico da semiótica, a tese epistemológica geral de Petitot, exposta em I: a insuficiência, ou mesmo a deficiência, científica do logicismo. De facto, o que a esquematização do quadrado semiótico claramente revela é a natureza topológica, e não lógica, do seu ser formal. Bem mais do que um problema lógico, tal como Greimas o concebia, o quadrado semiótico é um problema de morfogénese (emergência da forma a partir de um abstracto material). Assim concebido e devidamente esquematizado, o quadrado semiótico eleva a semiótica ao estatuto de ciência natural e permite a passagem de uma metafísica do sentido a uma física do sentido.

2. O problema do paradigmático-categorial

Jean Petitot define como problema central do estruturalismo, a ideia expressa na hipótese *princeps* segundo a qual a organização paradigmática dos sistemas significantes constrange a sua organização sintagmática ou ainda que a dimensão

sintagmática é uma projecção e uma conversão da paradigmática. *Paradigmático* designa aqui não o eixo das substituições mas o processo de categorização: é o paradigmático-categorial⁸. A organização paradigmático-categorial dos sistemas significantes é puramente relacional e determina unidades abstractas que não possuem qualquer identidade própria isolável e não existem senão como puros valores posicionais. Trata-se do axioma estruturalista do primado ontológico da diferença sobre a identidade em matéria signifiante. Estas unidades discretas são definidas e determinadas pela própria categorização pela qual o discreto emerge do contínuo.

Un "espace" structural est, nous l' avons vu, un continuum qui se trouve d' abord catégorisé par un système de discontinuités puis ensuite discrétisé, et l' axiome du primat ontologique de la différence sur l' identité affirme tout simplement que la valeur des unités discrètes ainsi isolées est, si l' on peut dire, la trace en elles, la "mémoire", de l' indifférencié dont elles procèdent dialectiquement (Petitot1985:63).

O paradigmático tem uma dimensão taxinómica que não deve ser entendida no sentido tradicional que procede à classificação de objectos já definidos, individuados e autónomos, mas no sentido em que a classificação, enquanto forma, discretiza a substância, categorizando-a, e define as suas unidades discretas por determinação recíproca. Neste sentido, o paradigmático-categorial faz do valor posicional das unidades o resultado de uma morfogénese da matéria signifiante. Por outras palavras, a **categorização é uma morfogénese**. Ora, os formalismos de tipo lógico que formalizam os factos semânticos e/ou sintácticos (lógica formal elementar, lógica combinatória, álgebra de relações, etc), repousam todos na liquidação do paradigmático em proveito do sintagmático. Esta liquidação implica, dada a solidariedade entre o paradigmático-categorial e a morfogénese, que as unidades discretas são tratadas como não tendo génese. Daí, o estatismo do estruturalismo formal.

Daí também aquilo que Petitot designa como a aporia fundadora do estruturalismo: uma vez que as unidades discretas são consideradas como não tendo génese, a formalização só pode consistir numa simbolização literal a qual, em virtude do proto-princípio de identidade que a condiciona, contradiz o princípio do valor posicional (cf.5). Nestas condições a tarefa do estruturalismo dinâmico é desenvolver um formalismo integrando a génese à forma (à estrutura). Isto passa pela geometrização do paradigmático que deverá conferir um conteúdo matemático aos primitivos estruturais de diferença e de valor posicional, e explicar a acção categorizante e diferenciadora do descontínuo fazendo emergir o discreto do contínuo (Petitot1985:63,25; 1992:331).

A liquidação do paradigmático-categorial é um problema de todos os estruturalismos mas que se coloca de modo especialmente agudo do caso do estruturalismo semionarrativo, dificultando a compreensão teórica das estruturas semionarrativas. Petitot fala mesmo de uma aporia fundadora da teoria greimasiana: o seu objecto é a sintaxe narrativa mas o seu projecto consiste em conceber o narrativo como uma conversão-projecção do paradigmático sobre o sintagmático, sendo aquele uma semântica não manifesta que está na origem e que constrange o encadeamento do segundo. Na medida em que a elaboração formal e simbólica do sintagmático, desenvolvida por Greimas, leva forçosamente à liquidação do paradigmático, esta elaboração é inadequada ao seu projecto (e à sua noção de narratividade). Esta aporia só pode ser eliminada se se fundar a formalização da sintaxe narrativa numa matemática adequada ao tratamento das articulações e das categorizações paradigmáticas

⁸ A distinção entre os dois *paradigmáticos* é solidária da distinção entre semântica profunda e semântica lexical; cf. 3. e 4.1.

(Petitot1985:205). Então será possível compreender de que modo a sincronia paradigmática constrange o desenrolar sintagmático, característica essencial das estruturas semionarrativas.

3. As estruturas semionarrativas

Estruturas semionarrativas é o nome que Greimas deu às estruturas profundas que subjazem e precedem a manifestação e a diversidade das estruturas discursivas superficiais existentes num *corpus* de mitos, contos, romances, tragédias, etc. Trata-se da forma sintactico-semântica da organização geral da narratividade. A distinção greimasiana entre estruturas profundas e estruturas de superfície acompanha distinções semelhantes no âmbito do estruturalismo - língua e fala (Saussure), fonemas e sons (Jakobson), forma e substância (Hjelmslev), estruturas elementares de parentesco e sistemas de parentesco (Lévi-Strauss), competência e performance (Chomsky), dinâmicas subjacentes e morfologias empíricas (Thom) -, as quais supõem que a estrutura é invisível enquanto tal, ainda que a sua realização substancial e os seus efeitos sejam observáveis; as relações entre realizações e estruturas são variáveis mas são sempre as estruturas que tornam estáveis e inteligíveis as realizações (Petitot1985:25).

A gramática semionarrativa tem como interesse principal o de fazer aparecer uma relação original entre sintaxe e semântica : a projecção ou conversão do eixo paradigmático sobre o sintagmático que é o problema central do estruturalismo. Esta relação original coloca-se no plano narrativo, i.e., transfrástico, no qual as estruturas actanciais têm uma realidade não apenas linguística mas também narrativa. Com efeito, como nota Pierre Ouellet, não há isomorfismo entre frase e narrativa, pois, apesar de partilharem algumas categorias, não apresentam o mesmo tipo de problemas: as estruturas actanciais narrativas são mais *profundas*, mais *abstractas*, mais *universais* que as estruturas casuais da frase (Ouellet1987:593) e, por isso mesmo, as estruturas semionarrativas são, para empregar uma expressão de Gilbert Durand, *estruturas antropológicas do imaginário* (Petitot1985:49).

O reconhecimento de uma componente sintáctica da gramática semionarrativa profunda remonta aos trabalhos de Vladimir Propp sobre o conto. Subjacentes a diversas acções das personagens, Propp descobriu trinta e uma funções (relações actanciais típicas) canonicamente encadeadas e formando sequências: falta inicial, contrato herói-destinatário, provas (qualificantes, decisivas, glorificantes). Escreve Petitot:

Autrement dit, Propp a repéré et formulé des structures actantielles invariantes, stables et universelles, régies par une syntaxe actantielle qui *syntagmatise*, le long de ce que A.J. Greimas a appelé un schéma narratif global, un *paradigme* actantiel constitué des relations Destinateur-Destinataire, Sujet-Objet de valeur, Sujet-Antisujet, Adjuvant-Opposant (Petitot1985:49; sublinhados do autor).

Quanto ao reconhecimento de uma componente semântica da gramática semionarrativa profunda, ele deve-se a Lévi-Strauss e aos seus trabalhos sobre o mito, os quais procedem a uma transferência do modelo fonológico para a narratividade. Esta semântica profunda é a distinguir rigorosamente da semântica superficial, discursiva e figurativa, que distribui e dissemina a semântica lexical nas estruturas sintácticas de superfície. A semântica profunda é uma dimensão paradigmática não manifesta que está na origem sintagmática dos mitos e suporta a sua coerência lógica. Se nos ativermos apenas à semântica lexical e interpretarmos simbolicamente o semantismo de superfície, perdemos de vista a função antropológica dos mitos. Esta não se encontra ao nível da semântica lexical, solidária do paradigmático entendido como eixo de

substituições (que é a concepção de Propp), mas ao nível da semântica profunda onde funciona a dimensão categorial do paradigmático. A ideia fundamental de Lévi-Strauss é que, subjacentes às narrativas e, em particular, aos mitos, existem categorizações semânticas profundas articulando valores, constituindo códigos inconscientes (de parentesco, naturais, cosmológicos, etc) e que se projectam nas articulações sintagmáticas (daqui resulta a ideia de que a narratividade consiste na projecção do eixo paradigmático no sintagmático). As categorias semânticas profundas são universais do imaginário distintas do semantismo lexical superficial manifesto. Petitot explicita assim esta distinção:

La sémantique profonde fonctionne de façon *contextuelle* et *globale*. Elle *sélectionne* certes dans les figures lexicales superficielles (hautement surdéterminées) des traits sémantiques (des sèmes) spécifiques. Mais les contenus qu' elle articule (Vie/Mort, Nature/Culture, Homme/Femme, Divin/Humain, etc) ne sont pas des significations référentiellement définissables. Ce sont des sortes de "prégnances" psychiques (des pulsions et/ou des idéaux) "donnant sens à la vie" et *dont le sens n' est jamais appréhendable comme tel mais seulement à travers sa conversion en structures actantielles* (Petitot1985:50; sublinhados do autor).

Um dos problemas da teoria greimasiana é precisamente uma certa vacilação ou hesitação entre as duas dimensões da semântica que são o sémico (antropologia do imaginário) e o lexemático (psicolinguística).

De Propp, Greimas retira a ideia de uma organização sintáctica de dimensão transfrástica, e de Lévi-Strauss, a ideia de uma componente semântica das narrativas. O seu projecto é descrever a um nível profundo, precedendo a manifestação, a forma sintáctico-semântica da organização narrativa.

Greimas distingue três níveis hierárquicos de organização narrativa, cada um comportando uma componente sintáctica e uma componente semântica. O nível mais profundo é o lógico-semântico onde as categorias sémicas (semântica fundamental) se desenvolvem em quadrado semiótico (sintaxe fundamental). A conversão das operações lógicas em fazer sintáctico determina o nível actancial e antropomórfico (abstracto, não figurativo) da sintaxe narrativa de superfície ou sintaxe actancial, na qual os actantes narrativos são puras posições sintácticas definindo funcionalmente papéis actanciais encarnados por actores (personagens). Estes dois primeiros níveis constituem o plano imanente das estruturas semionarrativas. Segue-se o nível discursivo que conduz das estruturas semionarrativas à manifestação e que é composto por uma sintaxe (actorialização dos actantes, espacialização, temporalização) e por uma semântica discursiva que compreende os processos de tematização e de figurativização. É isto o *parcours génératif* (Petitot1992:328).

4. A semântica fundamental

4.1. semas, categorias sémicas e classemas

Vejamos então o tratamento que Petitot dá ao nível que Greimas designa por lógico-semântico. Começemos pela semântica fundamental.

A semântica fundamental é um inventário de categorias sémicas susceptíveis de serem actualizadas ao nível narrativo. Os seus componentes são os semas, unidades de conteúdo definidas de modo relacional pelas suas diferenças. Diz Greimas que um sema deve a sua existência à distância diferencial que o opõe a outros semas e que as categorias sémicas opondo dois semas são logicamente anteriores aos semas que constituem.

Greimas concebe o plano do conteúdo como uma substância articulada por uma forma: uma substância categorizada. Mas, diz Petitot, a categorização não se reduz a uma pura forma relacional aplicada de maneira aristotélica sobre uma substância amorfa. Pelo contrário, a forma emerge da organização da substância. Ora, como conceber a noção categorial de articulação da substância do conteúdo por uma operação imanente da discontinuidade precedendo a manifestação e independente da expressão? Será preciso objectivar a forma relacional dos semas (as relações constitutivas da forma do conteúdo) através da esquematização, sem a qual se torna impossível definir os semas a não ser nomeando-os através de novas unidades substanciais *metalinguísticas* às quais é preciso aplicar de novo a análise sémica. A esquematização é o único meio de evitar uma nova aporia que consiste em considerar adquirido para a metalinguagem, cujos termos são os da língua objecto, aquilo que precisamente está em jogo, a saber, como é que as relações, ou formas de relação, seleccionam semas constituindo lexemas? (Petitot1985:216). A resposta está na esquematização do quadrado semiótico. Mas, antes disso, há que discernir claramente o que constitui a estrutura da semântica profunda, o que passa por uma revisão da noção de sema.

A precedência estrutural das relações sobre os termos leva a negar toda a existência autónoma aos semas e a definir um sema como termo de uma categoria sémica. Numa categoria sémica s_1/s_2 (estrutura elementar), os semas s_1 e s_2 são definidos unicamente pela sua relação de conjunção e de disjunção (pois que se opõem no âmbito do eixo semântico que os conjuga): a diferença sémica é uma relação de pressuposição recíproca. O que a teoria de Greimas não explica é como conceber relações de junção e de pressuposição recíprocas que sejam independentes dos semas cujo valor essas relações determinam como valor de posição.

Já vimos que, na perspectiva de Petitot, um dos problemas da teoria de Greimas é a oscilação da noção de sema entre a concepção lévi-straussiana de código (inconsciente) e a análise componencial lexical (conhecimento do mundo). É que, para além dos semas tal como têm vindo a ser tratados no âmbito da categorização da substância do conteúdo (a emergência da sua forma), Greimas prevê ainda a designação de sema para as sub-unidades em que se decompõe um lexema. É sabido que Greimas tentou ultrapassar a dificuldade com a introdução da noção de semema, concebido como composição de uma figura sémica nuclear e de uma base classemática. Abreviando a teoria do semema, direi que o núcleo sémico é constituído por semas figurativos, exteroceptivos e intervindo apenas na componente discursiva (semiológica); por seu lado, os **classemas** são semas abstractos, interoceptivos, *qui ne réfèrent pas à aucune extériorité, mais qui, au contraire, servent à catégoriser le monde et à l'instaurer la signification* (Greimas1979:333-4). São eles que, operando ao nível das estruturas profundas, são os verdadeiros semas, os **semas profundos**. Resta referir uma última característica dos classemas: sintagmaticamente deslocalizados e exercendo uma função global de regulação narrativa, os classemas são livres. Eles seleccionam os classemas ligados que são semas contextuais, efectivamente intralexemáticos. Petitot propõe então que se reserve a designação de classemas – categorizantes, abstractos, interoceptivos e livres – para o nível semântico profundo, e a de semas para a sintaxe fundamental (quadrado semiótico).

4.2. classemas e pregnâncias

Os classemas livres não são apenas categorizantes mas também pregnantes, diz Petitot. Esta tese cruza semiótica e psicanálise.

A noção de pregnância vem da etologia de René Thom. Uma forma é prenante se o seu reconhecimento é uma condição de sobrevivência e desencadeia reacções de grande amplitude: a pregnância é pois de ordem biológica. Para um animal, as formas prentes são inatas, típicas e em número reduzido : formas de predadores, presas e parceiros sexuais. Thom distingue ainda as formas perceptivamente salientes, caracterizadas pela sua morfologia, i.e., um conjunto de descontinuidades (Thom1991:20) e por uma localização espácio-temporal precisa: são *Gestalten*. Com base na experiência de Pavlov, que mostra que a pregnância biológica (o alimento) pode transferir-se para um estímulo saliente (o toque de campainha) e torná-lo uma fonte secundária de pregnância, Thom concebe a pregnância como um fluido investindo por similitude e contiguidade formas perceptivamente salientes (idem:21). Escusado será dizer que o investimento de uma forma perceptiva (um objecto) pela pregnância biológica transforma profundamente a sua significação e o seu valor para quem a percebe: a pregnância transforma os objectos salientes em objectos significantes, o que equivale afinal à emergência do nível do valor (o sentido) a partir do nível morfológico (a forma). Notarei ainda que, definida como fluido, a pregnância releva menos forma do que substância articulada.

No caso dos seres falantes, a linguagem vem complexificar a relação entre a pregnância e a forma saliente, ou se se quiser, em termos freudianos, entre libido e objecto. E aqui, Petitot faz uma síntese magistral daquilo que é a lição essencial de Jacques Lacan:

Affirmer une corrélation entre le fait que l' homme soit "sans instincts" et le fait qu' il soit un être parlant, c' est affirmer que l' apprentissage du langage est solidaire d' une "catastrophe généralisée" de la prégnance biologique et que les sources de prégnance sont "inconscientes", en quelque sorte des "trous noirs" de la représentation, des pulsions (Petitot1985:219; cf.1992:318-9).

Não sendo este o lugar apropriado para a exposição de um debate entre Petitot e Lacan, tratarei apenas de articular, seguindo o raciocínio do autor nas suas linhas essenciais, as consequências desta concepção pulsional da pregnância para a semântica fundamental e para a teoria da produção do sentido e da narrativa.

A distinção pregnância-saliência permite a Petitot propô-la como modelo analógico da distinção entre clasema livre (semântico) e clasema ligado (semiológico): *l' accrochage* da pregnância à forma saliente é análogo ao do clasema livre ao clasema ligado, o que permite desfazer a circularidade entre semântico e semiológico, denunciada, entre outros, por Paul Ricoeur (Petitot1985:261, 1992:374).

Podemos dizer que os clasemas livres são pregnâncias sêmicas e que a semântica fundamental é paradoxalmente a-semântica, porque os semas são da ordem da regulação e não da significação. "Vida/morte, homem/mulher, etc, são lexicalizações metalinguísticas de pregnâncias a-semânticas, as quais, ainda que destituídas de significação intrínseca, são definíveis num dicionário. De facto, há que distinguir entre nomes e proposições: *le langage peut parfaitement nommer ce dont il ne peut rien dire* (Agamben1998:94). Ora, apesar de nomeáveis, as pregnâncias a-semânticas escapam à representação (o que é congruente com a distinção entre pregnâncias e saliências), podendo ser apenas presentificadas pelas várias modalidades possíveis de ficção⁹. No caso da ficção narrativa, elas só acedem à representação graças à mediação dos percursos sintácticos que as fazem circular como valores. Trata-se, pois, ao nível da

⁹ A ficção é uma modalidade da representação. *Les représentations non-fictionnelles sont des points de vue portant sur des réalités qui existent indépendamment de l' activité qui en élabore la représentation. De ce fait on peut détacher ce qui est visé de l' agent sous lequel cela est visé* (Schaeffer1999:229).

semântica fundamental, de sentido sem significação e sem representação. O sentido greimasiano é indizível:

Il est *indicible*. Il concerne un imaginaire de nature métapsychologique, un imaginaire *du corps* dont le contenu est *régulateur et pulsionnel*, affectif, bref, thymique. C' est un imaginaire organisé par des prégnances. Il serait à son propos nécessaire de reprendre le concept husserlien de *chair* (Petitot1992:375; sublinhados do autor).

Note-se como, nesta frase, Petitot desliza do corpo para a carne. De acordo com Husserl e Merleau-Ponty, a carne é a distinguir do corpo que é *Gestalt*, forma saliente. Em *Le stade du miroir*, Lacan faz da imagem do corpo reflectida no espelho a representação ideal formadora do Eu como instância imaginária, na medida em que a unidade da imagem (a sua qualidade ortopédica) é uma miragem que antecipa a maturação e o domínio dos movimentos sobre a insuficiência e descoordenação motora do *infans* (Lacan1966). O corpo-imagem é uma categoria a distinguir cuidadosamente do corpo que as pulsões desmembram e reduzem às zonas erógenas em que intervêm. Destituído da sua unidade e da sua identidade, destituído dos seus contornos e da sua imagem, o corpo pulsional é mais carne do que corpo. Assim, este imaginário metapsicológico, sem sujeito e sem significação, *l' imaginaire comme chair*, só pode ser um imaginário sem imagens, irrepresentável, anicónico¹⁰.

5. A sintaxe fundamental e o quadrado semiótico

Cabe ao quadrado semiótico a tarefa da articulação elementar da pregnância a-semântica de que é feita a substância semântica, articulação essa que é a condição da produção e da apreensão do sentido. Esta articulação tem uma componente morfológica que é de ordem taxinómica e que trata das relações constitutivas entre os semas profundos (os classemas livres); e uma componente sintáctica que transforma as relações taxinómicas paradigmáticas em operações sintagmaticamente ordenadas (as quais introduzem por conversão à sintaxe actancial). Tal transformação é a chave de todo o percurso generativo porque vai permitir interpretar por conversão as operações logico-semânticas como fazeres antropomórficos. O quadrado semiótico é, pois, gerador de narratividade. Por outras palavras, ele estabelece a mediação entre as duas fontes lévi-straussiana (semântica fundamental) e proppiana (sintaxe actancial) da teoria das estruturas semionarrativas. A articulação da pregnância em paradigma, ou seja, o seu processo de categorização (cf.2.), a que o quadrado semiótico procede, cria as condições para a representação narrativa dos semas profundos irrepresentáveis, através dos percursos sintácticos que os fazem circular como valores. O quadrado semiótico institui o paradigmático-categorial como um inconsciente estrutural subjacente ao nível sintagmático (Petitot1992:375). Para Petitot, o interesse e o valor da teoria greimasiana

¹⁰ De acordo com o projecto de Greimas, que visava à junção da antropologia, da semântica e da psicanálise (Dosse1991:261-2), o imaginário como carne é antropológico e metapsicológico. Tal como as pregnâncias a-semânticas, os arquétipos do imaginário antropológico de Durand não têm imagem: eles são antes formas dinâmicas vazias, matrizes de imagens simbólicas, categorias vitais da representação (Durand1969:16-66) . Mas o imaginário arquetípico durandiano releva do inconsciente colectivo de Jung, no qual o arquétipo se define como tendência instintiva imemorial comum aos homens e aos animais (Jung1988:115-8). A distinção entre pulsão e instinto – implicada na noção freudiana de *Trieb* – deixa então de ter sentido. Ora, *a catástrofe generalizada da pregnância biológica* causada pela linguagem no sujeito falante substitui a pulsão ao instinto e confere ao imaginário como carne (ou seja, à semântica fundamental) uma dimensão metapsicológica de cariz freudo-lacaniano que nada tem a ver com a psicologia das profundezas de que Gilbert Durand se inspira em grande parte.

está em considerá-la não como teoria semiótica geral (Dosse1991:262) mas como uma **morfogénese actancial das pregnâncias a-semânticas**, i.e., como antropologia da apreensão narrativa de estruturas profundas do imaginário.

Se Greimas faz suportar ao quadrado semiótico toda a *energeia* semiótica – uma vez que o define como *instance ab quo, forme canonique, universel formel, principe d'articulation du sémantique et principe générateur du narratif* – como compreender, pergunta Petitot, que o reifique, postulando que o seu ser-formal é de natureza lógica (Petitot1985:223).

O quadrado semiótico é um sistema de relações de natureza morfológica que desenvolve uma categoria sémica s1/s2. A propósito de uma das questões mais delicadas da teoria, a do estatuto equívoco dos termos neutros/complexos, situados nos dois eixos dos contrários e dos subcontrários do quadrado semiótico, Petitot afirma que a analogia das transições de fases, permitindo tratar as diferenças sémicas como limiares, i.e., como um fenómeno dinâmico, revela que o problema posto pelo quadrado semiótico como arquétipo de articulação da substância semântica está muito mais próximo de um problema de transição de fases (diferenciação) do que de um problema lógico. Diz ele que uma oposição qualitativa s1/s2 é esquematizável por uma catástrofe elementar de conflito, sendo o seu esquema o do *cusp*. A esquematização morfodinâmica do quadrado semiótico e da estrutura actancial pelas catástrofes elementares constitui o âmago de *Physique du Sens* (cf.5.1.1.).

Desenvolvendo a sua tese de que o ser formal do quadrado semiótico não é lógico mas topológico – pois que os conceitos primitivos de **posição** e de **junção**, para os quais reenviam respectivamente as relações de oposição e de pressuposição e de conjunção e disjunção articuladas pelo quadrado semiótico, **são primitivamente topológicos** e não lógicos – Petitot especifica o que separa os pressupostos da lógica dos de uma semiótica fundada no paradigmático. Para a lógica, os objectos e as estruturas compondo a semântica são objectos construídos, identitários e autónomos, simbolizados sintacticamente, enquanto que para a semiótica, as unidades estruturais não são objectos mas valores posicionais, o que significa que só existem relacionalmente e não são susceptíveis de serem simbolizadas como objectos (por letras). Assim, na formulação lógica do quadrado semiótico, os semas não são definidos pela diferença mas são unidades identitárias, o que tem como consequência a reificação da diferença em oposição lógica, em negação. Para a lógica, a semântica é uma interpretação de símbolos puramente denotativa, enquanto que para a semiótica, a semântica não é uma interpretação denotativa de símbolos, mas a articulação de uma substância, a sua diferenciação. Para a lógica, a sintaxe traduz enunciados susceptíveis de valores de verdade, enquanto que para a semiótica, a sintaxe é uma conversão actancial da articulação semântica (Petitot1985:223-30).

5.1. a sintaxe das operações e o problema da conversão

A sintaxe fundamental, segunda instância da gramática fundamental, transforma as relações taxinómicas paradigmáticas em operações sintácticas sintagmaticamente ordenadas e serve assim de patamar àquilo que, por conversão, resultará em sintaxe actancial. Para Petitot, a passagem da morfologia taxinómica à sintaxe operatória implica uma transformação do estatuto ontológico das entidades consideradas, uma vez que se trata de passar do domínio de um substrato diferenciado para as unidades discretas, i.e., para os puros valores posicionais. Por outras palavras, trata-se da condição de discretização a que Petitot chama a pré-conversão. Uma vez admitida a possibilidade de uma pré-conversão projectando o paradigmático (morfologia

taxinómica) sobre o sintagmático (sintaxe operatória) e transformando os semas profundos em unidades discretas, torna-se possível mudar de nível e passar da sintaxe fundamental à sintaxe narrativa actancial. É a conversão.

A conversão consiste essencialmente em substituir as categorias semânticas profundas em valores axiológicos investidos em objectos sintácticos, as relações taxinómicas em enunciados narrativos de estado (conjunção ou disjunção do sujeito e do objecto) e as operações sintácticas da sintaxe fundamental por fazeres sintácticos antropomórficos regendo enunciados de estado. Notemos que i) a conversão reenvia à pré-conversão; ii) a conversão postula uma equivalência, pela via de uma antropomorfização abstracta, não figurativa, entre as estruturas actanciais elementares e a dinamização sintagmática da articulação paradigmática das pregnâncias a-semânticas. i) e ii) apontam para uma equivalência entre a sintaxe fundamental e a sintaxe actancial.

5.1.1. a solução morfodinâmica para o problema da conversão

É o estatuto eidético e racional da conversão, responsável pela passagem do modelo constitucional ao modelo actancial modelizado, que está em jogo e que a teoria greimasiana não consegue elucidar¹¹. Como conceber afinal a relação formal entre os níveis profundo e de superfície da gramática semionarrativa ? Segundo Petitot, converter relações lógicas em eventos sintácticos é eideticamente impossível. Tal conversão reduz o narrativo ao lógico. A solução deste problema encontra-se numa apercepção topológica das estruturas que torne possível deduzir a sintaxe actancial da sintaxe fundamental (das operações).

O esquematismo catastrofista resolve o problema da conversão na medida em que permite unificar modelo fundamental e modelo actancial. Aí, a conversão é reconduzida a uma dupla leitura das mesmas estruturas topológicas, ou a duas realizações de um mesmo esquema. Deste modo, o quadrado semiótico é uma realização **paradigmática** das catástrofes elementares mais simples, e o modelo actancial é uma realização **sintagmática** das catástrofes elementares mais simples. O esquematismo morfodinâmico propõe uma teoria morfogenética das estruturas elementares: o quadrado semiótico é uma estrutura elementar de dois termos (desenvolve uma categoria sémica binária), explicitando a génese das relações de pressuposição recíproca entre dois termos. É o modo de articulação dos termos, e não o seu número, que se complexifica. A génese e desenvolvimento do quadrado semiótico até ao modelo actancial é matematizado através de uma cadeia ou *procissão* de catástrofes elementares (Petitot1992:330): *cusp*, *queue d' aronde*, *papillon dual*, que esquematizam a oposição qualitativa entre os dois termos. Petitot compara a morfogénese do quadrado semiótico à embriogénese:

(...) *le développement d' une structure est en quelque sorte le déploiement morphogénétique de son mode d' articulation* , le nombre de termes ainsi relationnellement définis demeurant constant. (Petitot1992:344;sublinhado do autor)

A demonstração e a explicação da esquematização do quadrado semiótico pelas catástrofes elementares, a que procede *Physique du sens*, revela que a esquematização pelo *papillon dual*, que é uma morfologia tridimensional, é ao mesmo tempo sincrónica e dinâmica. Esta temporalidade sincrónica, dinamizando o quadrado, permite resolver o problema da pré-conversão da morfologia elementar em operações sintácticas, na

¹¹ Este defeito não é grave numa teoria conceptual-descritiva mas é-o numa teoria que se pretende dedutiva e formal.

medida em que a sintaxe fundamental é reduzida à taxinomia fundamental morfodinamicamente esquematizada. A sintaxe das operações, cuja função era apenas o de assegurar a mediação entre o nível semântico profundo e o nível da sintaxe antropomórfica, pode agora ser substituída pela esquematização morfodinâmica. E a esquematização morfodinâmica da taxinomia (paradigmático-categorial) transforma-a em **sintaxe topológica**, permitindo passar directamente da morfologia elementar à sintaxe actancial, sem passar pela sintaxe das operações (Petitot1992:353). Dito de outra maneira, a pré-conversão é absorvida na conversão (cf.5.1.)¹².

Tal esquematização dá uma resposta iedeticamente satisfatória ao problema da relação formal entre morfologia elementar e sintaxe actancial, i.e., da conversão. A introdução da dimensão do tempo nas taxinomias sincrónicas é, para tanto, um factor essencial. Petitot explica:

Considéree synchroniquement, une catastrophe élémentaire est un modèle taxinomique où les relations sont associées à des centres organisateurs. *Dès que l' on introduit des chemins dans son espace externe, ces relations synchroniques sont ipso facto converties en événements syntaxiques: la dynamisation d' une catastrophe élémentaire par cheminements dans son espace externe est un soi une projection du paradigmatique sur le syntagmatique* (Petitot1992:354; sublinhados do autor).

Deste modo, o modelo actancial, ainda que invariante, canónico e arquetípico, é o lugar intrínseco de variantes e de transformações: uma estrutura elementar e irreduzível pode incluir em si a diversidade e a novidade (enquanto que, em Greimas, diversidade e novidade estão confinadas ao nível discursivo-figurativo).

6. De novo, o semantismo profundo

6.1. a conversão metapsicológica

Mas a conversão por temporalização das relações taxinómicas em eventos sintácticos é puramente formal (pois é a esse nível que intervem a teoria das catástrofes) e nada diz do semantismo profundo que é preciso integrar ao esquematismo morfodinâmico para completar a teoria das estruturas semionarrativas. Para tal, Petitot propõe um retorno à concepção metapsicológica da actancialidade.

A concepção metapsicológica da actancialidade constitui a primeira proposta de Greimas. Aí se postula uma intencionalidade ao actante sujeito. Os sujeitos realizam-se conjugando-se a objectos de valor, i.e., a suportes sintácticos de valores que a taxinomia fundamental articula como semas (cf.4.2). Petitot comenta que esta concepção é claramente metapsicológica e só é compreensível se se enraízar o modelo actancial num semantismo profundo constituído por pregnâncias. Numa reformulação da concepção da actancialidade, solidária da sintaxe topológica (cf.nota 12), Greimas propõe então uma concepção formal que esvazia os actantes da intencionalidade e lhe substitui a operação

12

Na sintaxe topológica, que é uma sintaxe evenemencial da acção, os actantes-sujeitos ou actantes operadores são apenas *deixis*, i.e., lugares atravessados pela circulação de objectos-valores ou ainda, como Petitot prefere chamar-lhes, proto-actantes posicionais. Esta redefinição do estatuto dos actantes-sujeitos foi proposta pelo próprio Greimas numa reformulação da estrutura actancial orientada por uma interpretação topológica da narrativa. A concepção topológica da sintaxe actancial permite ainda projectar nela uma parte da programação espaço-temporal que Greimas situa unicamente na componente discursivo-figurativa. Da mesma maneira que os actantes são prefigurativos e não se confundem com os actores, existem lugares pré-figurativos cuja articulação é constitutiva da sintaxe actancial (Petitot1985:250). A programação espacio-temporal é a imersão no espaço-tempo figurativo de uma organização espacio-temporal (local) imanente à sintaxe actancial.

de um meta-sujeito *E*. Neste segundo modelo, os actantes, esvaziados do seu desejo são puros lugares de transferência e circulação de objectos valores; a intencionalidade dos actantes-sujeitos é substituída pela identificação do meta-sujeito operador *E* a tal actante-deixis. O meta-sujeito torna-se então o sujeito genérico do fazer sintáctico e a sintaxe actancial uma interacção topológica de lugares.

Um retorno à concepção metapsicológica coloca alguns problemas. Primeiro porque esta concepção não deriva do desenvolvimento morfogenético do quadrado semiótico, pois não releva da forma do conteúdo mas sim da articulação da sintaxe actancial com uma substância do conteúdo, uma substância não figurativa, a do nível semântico oposto ao semiológico (Petitot1992:373). Depois, e consequentemente, porque a introdução de um semantismo substancial numa teoria que se pretende formalista coloca problemas eidéticos. É necessário que um tal semantismo constitua uma instância interna e não uma instância externa subordinando a teoria das estruturas semionarrativas a uma psicologia ou a uma psicanálise (idem:374). Para Petitot, isto é possível graças à definição dos semas profundos como pregnâncias. Como vimos em II,4., as pregnâncias a-semânticas constituem o buraco negro da representação e, ainda que lexicalizáveis, só acedem à representação através dos percursos sintácticos que as sublimam em valores suportados por objectos. Por outras palavras, a narratividade é a instância funcional que transforma em significação o imaginário constituído por pregnâncias:

Cet imaginaire comme chair, cet imaginaire asémantique, *n' est pas subjectivable en tant que tel*. Il doit par conséquent être subjectivé – c' est à dire transformé en signification – à travers un *procès* de subjectivation. Ce *procès* est précisément celui que décrit le parcours génératif: ce que l' on appelle la saisie du sens. La saisie de l' imaginaire comme chair. Et dans une certaine mesure la thèse fondamentale de la sémiotique narrative est que cette assumption *ne peut se faire qu' à travers une syntaxe actantielle*: la narrativité est l' instance fonctionnelle de subjectivation des prégnances (Petitot1992:375; sublinhados do autor).

Temos então uma axiologia. A sublimação das pregnâncias em valores traduz-se na sua **localização** em objectos de valor e esta localização é correlativa da sua **subjectivação**, sendo a pregnância subjectiva (valores existenciais e/ou ideológicos) que desencadeia programas de conjugação ao objecto descritos pela sintaxe actancial. Sem entrar no detalhe da explicação de Jean Petitot, notarei que esta correlação (...) *permet (...) d' établir un lien entre la conception formelle-énonciative et la conception métapsychologique de l' actantialité* (idem:379).

Assim, a articulação da semântica fundamental, constituída por pregnâncias (semas), e da sintaxe actancial, constituída por uma topologia esquematizada (catastrofista), realiza a **dialéctica semio-narrativa** (idem:322). Daí que a narratividade seja a instância *de mise en forme* do sentido a partir da sua substância (cf.5.).

6.2. pulsão e estruturas narrativas literárias

Como prolongamento possível da semiótica morfodinâmica, Petitot retoma a definição das pregnâncias como pulsões (cf.4.2.). Se as pregnâncias são pulsões e os actantes-objectos são objectos de pulsões (pois que os valores que suportam resultam da sublimação narrativa das pregnâncias), resta integrar à teoria narrativa uma *lógica pulsional* (idem:387). Neste ponto, Petitot estabelece uma distinção entre dois tipos de estruturas narrativas: por um lado, os mitos e os contos (os géneros estudados por Propp e Lévi-Strauss), por outro, os universos romanescos e/ou trágicos, i.e., as narrativas de heróis problemáticos (idem:idem). De que se trata aqui senão de destacar as narrativas literárias do conjunto formado por mitos e contos ? Ainda que Petitot não fale

explicitamente em literatura, as características que apresenta como próprias dos universos romanescos e/ou trágicos são as que identificamos como literárias: a deconstrução das axiologias e das ideologias socialmente dominantes, a denúncia dos objectos como *trompe l'oeil* e da narratividade como simulacro (da ficção como tal), a problematização dos sujeitos actores, a substituição da demanda heróica de objectos-valores pré-programados pelo drama da errância entre objectos-valores problemáticos, inautênticos, parciais. Tomando como modelo a terminologia empregue por Lévi-Strauss para as estruturas de parentesco, podemos designar cada um destes tipos de narrativas, como estruturas semio-narrativas elementares (mitos e contos) e estruturas semio-narrativas complexas, ou seja, literárias.

Trata-se afinal de uma distinção que, como muitos outros autores, Lévi-Strauss considerou de forma mais ou menos explícita, nomeadamente ao sustentar que, a partir dos séculos XVI-XVII, o mito abandona a literatura para se refugiar na música. A narrativa literária passa de mítica a romanesca (Lévi-Strauss1971:583). Note-se a oposição entre os géneros mítico e romanesco naquilo que Lévi-Strauss considera o campo narrativo literário. A modalidade moderna da literatura é o género romanesco que evacua da narrativa as estruturas do pensamento mítico (idem:idem). Olhando, porém, para a história da literatura ocidental, cabe perguntar se a literatura, na sua modalidade *moderna*, não terá aparecido bem antes quando, no século XII, a estrutura do romance arturiano, porque apresenta as características que Petitot aponta como distinguindo as narrativas romanescas e/ou trágicas das narrativas míticas, comporta uma complexidade e uma problematicidade irreduzíveis à estrutura narrativa elementar. Nessa medida, não há a bem dizer literatura que não seja moderna.

Para formular a distinção entre, por um lado, mitos e contos e, por outro, narrativas de heróis problemáticos, Petitot recorre à noção lacaniana de Outro que tem uma tradução semiótica na noção de Destinador (Petitot1992:387). Nos mitos e contos, o Outro é hipostasiado num Destinador transcendente garante dos valores, o que não acontece nas narrativas literárias. Na terminologia lacaniana, isto equivale a dizer que, à semelhança do que acontece com as estruturas de parentesco, as estruturas narrativas elementares são solidárias de um A completo e sem falha, i.e., uma ordem simbólica fortemente consistente – o Outro existe (Lacan1966:549,583)-, enquanto que às outras corresponde um A, ou seja, uma estrutura inconsistente, incompleta, esburacada. *A* é um matema característico da fase em que, sob influência das obras de Lévi-Strauss, Lacan trabalhava a noção de simbólico como ordem transcendente e coerente – *un univers à l'intérieur duquel tout ce qui est humain doit s'ordonner* (Lacan1978:42) -, enquanto que *A* remete para uma elaboração do simbólico como não sendo assim tão ordenado, o que culmina na afirmação: o Outro não existe (como defesa contra o real e/ou quando a pulsão sexual se emancipa). É o simbólico dirigindo-se para o real, pois é nas falhas da estrutura que irrompe a pulsão.

Por isso, Petitot afirma que a lógica pulsional da narrativa só tem sentido nas estruturas complexas cujos universos axiológicos são abertos:

Dans le cadre d'une analyse des mythes et des contes une telle composante ne serait pas à proprement parler opératoire car, de même que l'Autre est hypostasié en un Destinataire, les valeurs sont axiologiquement normées (et en général d'origine sociale). Mais il n'en va plus du tout de même dès que l'on aborde les univers romanesques et/ou tragiques qui, précisément, "dé-construisent" les axiologies et les idéologies socialement dominantes, qui intègrent à leur "intelligence syntagmatique" un démasquage des objets comme "trompe-l'oeil" et de la narrativité comme simulacre, qui problématisent les sujets (les sujets acteurs) et qui ont pour ressort non plus le ressort héroïque d'une quête d'objets-valeurs préprogrammés mais le ressort passionnel (dramatique) de la méconnaissance quant aux valeurs. Pour décrire adéquatement de tels univers, une "logique pulsionnelle" est à notre avis indispensable (Petitot1992:387-8).

Nesta lógica pulsional, o modelo dos objectos-valores é o objecto *a* enquanto *semblante de ser*: o objecto não é suporte de valor devido ao seu ser mas porque é simbolicamente marcado, o que leva o sujeito da falta (*le manque à être*) a idealizá-lo e a elegê-lo como objecto de demanda. Mas as transformações de junção sujeito-objecto não são controladas por destinadores, ou são-no parcialmente, na medida em que as relações contratuais entre sujeito e destinador respeitantes à circulação de (objectos) valores, são inconsistentes, amorfas (idem:388). Vêm assim integrar-se à sintaxe actancial os matemas lacanianos A, S, a.

Este prolongamento da semiótica morfodinâmica é certamente o mais estimulante para os estudos literários e, em particular, para o estudo do romance. Ele aponta para uma especificidade das estruturas semionarrativas literárias, fundada numa afinidade entre literatura e pulsão. Tal afinidade merece ser pensada, aproveitando as vias abertas pela morfodinâmica e confrontando a teoria das estruturas semionarrativas com a teoria lacaniana de pulsão – o que passará, eventualmente, por colocar a pulsão em termos de topologia e não de lógica. O confronto entre a semiótica narrativa morfodinâmica e a teoria da pulsão não deixará de trazer problemas difíceis nem de criar novas aporias, nomeadamente no que diz respeito à concepção do real em geral (o realismo lacaniano não é o realismo petitoniano) e à assimilação da pregnancy e da pulsão em particular. Pode a função bio-reguladora da pregnancy ser compatível com a acefalia entrópica do para lá do princípio do prazer que caracteriza a pulsão ? Será possível estabelecer uma relação entre o número limitado de pulsões e o número também limitado de arquétipos do imaginário ? Além disso, a assimilação pregnancy-pulsão implica uma dimensão libidinal, sexual, do imaginário antropológico (cf.4.2.) que a elaboração de Petitot não explicita. A introdução dessa dimensão e suas implicações poderia ser um dos contributos mais importantes da teoria lacaniana para a semiótica narrativa morfodinâmica, problematizando a questão da produção do sentido e, por aí, da relação entre real e sentido.

Além disso, se admitirmos que a introdução de uma *lógica pulsional* na sintaxe actancial é própria de estruturas narrativas complexas que me parece legítimo classificar como literárias, então o prolongamento da semiótica narrativa morfodinâmica proposto por Petitot poderá colocar os estudos literários na via da objectividade científica (cf.2.1.1.). A área de conhecimento oficialmente chamada *Ciências da Literatura* seria então mais merecedora da sua designação.

7. Conclusão

Como pensar o humano de que o científico se apoderou ? Outrora, o cosmos e o corpo, depois o vivo e a evolução, agora o espírito e o social. O fim do dogmatismo da transcendência social, resultante da naturalização das ciências humanas, coincidirá com o que Merleau-Ponty chamava o Grande Objecto (Merleau-Ponty1964:31) ? Ou, numa perspectiva mais mediática, virá essa mesma naturalização ao encontro daquilo que, a propósito dos actuais progressos da genética e das biotecnologias da reprodução, se designa como *o pós-humano* ?

Para Petitot a resposta é negativa, já que a irreducibilidade dos domínios éticos não naturalizáveis consitui o **resto** do monismo científico, resto esse que pertence à filosofia, em particular à filosofia moral (Petitot1998:97-8). Petitot considera que o racionalismo só diz respeito às ciências e que o “racionalismo” político é uma patologia sistémica da razão (idem:100). Por outras palavras, mantem-se a heterogeneidade entre

razão pura (o que posso saber?) e razão prática (o que devo fazer?) que é o campo em que opera a faculdade do desejo. Graças a Kant, algo do sujeito humano escapa às leis do mundo físico e tem de ser pensado em referência à lei moral. O que levou Jacques-Alain Miller a considerar Kant como um ponto de apoio para pensar o sujeito numa dimensão diferente da das neurociências (Miller2000:25) – essas mesmas neurociências de que Petitot faz a chave do futuro científico do estruturalismo, uma vez que a matéria do pensamento, da cognição e do sentido é a matéria neuronal (Petitot1999:114,120).

Nos termos de Lyotard, a heterogeneidade entre as duas razões define a ciência como um jogo de linguagem com regras próprias, sem vocação para legiferar sobre ou regulamentar outros jogos, nomeadamente o ético (Lyotard1989:82-3). Não há unificação nem totalização possível dos jogos de linguagem num metadiscurso que Lyotard identifica como a metalíngua da lógica (idem:88). Ora, do ponto de vista de Petitot, a divisão entre ciência e ética e a impossibilidade de metalinguagem não constituem obstáculo à racionalidade e à objectividade científicas. Mas, para tal, as regras do jogo científico não podem ser as da descrição empírica, como está implícito em Lyotard, mas antes as da explicação teórica. Petitot recusa a ideia de que a deslegitimação da ciência como metalinguagem unificadora possa legitimar, por sua vez, a pluralidade dos jogos de linguagem dentro do campo científico (ciências naturais, ciências sociais e humanas). Para ele, a pluralidade pós-moderna abandona o domínio das regras do jogo científico e instala-se na própria objectividade (objectividades alternativas) e nos níveis heterogêneos de realidade (ontologias regionais).

Bibliografia

- Agamben, Giorgio (1998) *Idée de la prose*, Paris, Christian Bourgois
- Deleuze, Gilles (1979) “À quoi reconnaît-on le structuralisme ?” in Châtelet, François, dir., *Philosophie du XXe siècle*, Paris, Marabout
- Dosse, François (1991) *Histoire du structuralisme. I. Le champ du signe, 1945-1966*, Paris, La Découverte
- Durand, Gilbert (1969) *Les structures anthropologiques de l'imaginaire*, Paris, Bordas
- Gardin, Jean-Claude (1996,1991) *O cálculo e a razão*, Lisboa, Bertrand
- Jung, Karl Gustav (1988,1964) *Essai d'exploration de l'inconscient*, Paris, Folio/Essais
- Kant, Emmanuel (1990,1790) *Crítica da faculdade do juízo*, Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda
- Koyré, Alexandre (1973) *Études d'histoire de la pensée scientifique*, Paris, Gallimard
- Lacan, Jacques (1966) *Écrits*, Paris, Seuil
- Lacan, Jacques (1978) *Le Séminaire II. Le Moi dans la théorie de Freud et dans la technique de la psychanalyse*, Paris, Seuil
- Lévi-Strauss, Claude (1971) *L'homme nu*, Paris Plon
- Lyotard, Jean-François (1989, 1979) *A condição pós-moderna*, Lisboa, Gradiva
- Merleau-Ponty, Maurice (1964) *Le visible et l'invisible*, Paris, Gallimard

Miller, Jacques-Alain *et alii* (2000) *Lakant*, Barcelona, Escuela lacaniana de psicoanálisis del campo freudiano

Ouellet, Pierre (1987) “La nouvelle Aufklärung: une physique du sens”, *Critique*, 481-482, p.577-97

Petitot, Jean (1985) *Morphogenèse du sens. Pour un schématisme de la structure*, Paris, PUF

Petitot, Jean (1992) *Physique du sens. De la théorie des singularités aux structures sémio-narratives*, Paris, CNRS

Petitot, Jean (1998) “Nature et enjeux de la modélisation en sciences sociales”, *Interdisciplinarités*, Hiver 1998, p.75-102

Petitot, Jean (1999) “La généalogie morphologique du structuralisme”, *Critique*, 620-621, 97-122

Rocha, Acílio (1989) *Problemática do estruturalismo*, Lisboa, INIC

Schaeffer, Jean-Marie (1999) *Pourquoi la fiction ?*, Paris, Seuil

Shapin, (1999) *A revolução científica*, Lisboa, Difel

Thom, René (1988) *Esquisse d'une sémiophysique*, Paris, InterEditions